

ADEUS ERVAMOIRA

por

Manuel Carvalho*

A Quinta da Ervamoira vai morrer com o século, quando as águas da barragem de Foz Côa começarem a galgar as encostas onde foi construída. Juntamente com as suas vinhas de insondável beleza, em Ervamoira acabam também o sonho de um homem visionário e apaixonado e a dedicação do seu sobrinho. A história de José Rosas e de João Nicolau de Almeida que um dia quiseram mostrar ao mundo que na natureza tudo é possível, excepto quando os tecnocratas se põem a fazer contas com base na estreita lógica do deve e haver.

Os segredos da Quinta da Ervamoira não se escondem apenas na geometria dos bardos da sua vinha. Com um pouco de sorte ou de saber, talvez se descubram nos caminhos poeirentos e pedregosos que ora a rasgam na horizontal, ora descem encosta abaixo até à margem esquerda do rio Côa. A verdade é que aquela mancha verde que se distingue entre cores quentes e monótonas da paisagem estival duriense encerra em si um mistério. Cada videira, cada pedaço de vinha guarda em silêncio memórias de um homem visionário que um dia sonhou com a descoberta de «um novo mundo» algures nos confins tórridos do Douro Superior; com uma quinta modelar, capaz de revolucionar para o futuro a três vezes centenária história das vinhas durienses e do vinho do Porto.

Em cada canto dessa deslumbrante paisagem arrancada à natureza e ao xisto esconde-se ainda um destino trágico que lhe marca os limites da sua existência. Quando as águas do rio Côa começarem a inundar os seus vales recônditos e apertados, lá para o fim de século que se avizinha, Ervamoira, sonho e exemplo, ficarão para sempre submersos debaixo de uma imensa toalha de água. Não são apenas 189 hectares de vinha que se afogam: pela força da lógica de custos e proveitos imposta pela tecnocracia da água, mergulharão para sempre no vazio o exemplo de dois homens que fizeram de Ervamoira um dos mais avançados e impressionantes monumentos da viticultura mundial.

* Jornalista do jornal *Público*.

José Ramos Pinto Rosas começou a dedicar-lhe uma fatia da sua vida ainda antes de a descobrir. Sensível à poesia das vinhas, apaixonado pelo Douro e herdeiro de uma tradição estética iniciada há décadas pelos cartazes voluptuosos encomendados a artistas de renome pelo seu tio-avô, Adriando Ramos Pinto, José Rosas passou anos a fermentar essa ideia. Com a paciência que o rigor e a minúcia não dispensam, o homem que a escritora Chantal Lecouty apelidou de «Papa do Douro», partiu para a difícil tarefa de procurar um naco de terra onde pudesse desenhar o projecto que lhe morava na imaginação. Nas poucas franjas de terrenos do Douro ainda não ocupadas pela vinha, buscava «uma área extensa, com declives moderados que permitissem a mecanização, perto do rio». Era nesse mundo ainda etéreo que um dia haveria de nascer a mais perfeita e moderna de todas as suas obras.

A década de 60 aproximava-se do fim e José Ramos Pinto Rosas começou a prescrutar esse lugar quase intangível nas curvas de nível dos mapas militares. Queimadas as primeiras escolhas, raras numa paisagem regional marcada pela omnipresença do vinhedo, a encosta com o nome de Santa Maria, situada a pouco mais de três quilómetros da foz do Côa, começou a ser tracejada no mapa. Tinha as condições geográficas desejadas, mas faltava ainda a prova final, a dos sentidos. «O problema é que não havia maneira de lá chegar», recorda. Até que num dia da Primavera de 1972 vislumbrou «um estradão aberto» e decidiu-se «meter o carro ao caminho». Andou «uns quilómetros. Entre o pó da estrada e a dificuldade do relevo acidentado do vale esperava-o o destino da sua profecia.

«Passei por uma curva e dei com aquilo a meus pés», recorda hoje numa voz ainda embargada pela emoção. «Aquila»: um anfiteatro todo voltado para o sol, ondulado em colinas suaves, tendo por trás uma montanha imponente, pontilhada de oliveiras. «Um cenário bíblico», como o define o sobrinho, João Nicolau de Almeida. Por ali não havia vinha, apenas cereal ainda verde das chuvas de inverno. Mas «tinha tudo o que pensei». José Ramos-Pinto Rosas sentiu-se «feliz»: encontrara um lugar que para além de cumprir os desígnios da vinha com que sempre sonhou encerrava nos seus contornos uma das mais belas e sublimes paisagens do Douro.

A LONGA ESPERA

Indiferente à solidão e à inclemência do clima do Douro Superior, José Sobral viveu toda a sua vida na pequena casa ao fundo da encosta de Santa Maria, ali a dois passos do inconstante caudal do Côa. «É como que um príncipe consorte», diz José Ramos-Pinto Rosas, referindo-se ao herdeiro do lugar que a sua família habita desde o século XVIII. Foi pela boca de José Sobral que José

Rosas conheceu os primeiros obstáculos do seu projecto. «Perguntei-lhe de quem era aquilo e disse-me que pertencia a duas irmãs idosas de Valongo dos Azeites, uma terra perto de Vila Nova de Foz Côa. Quis saber se estariam interessadas em vender a quinta, e ele disse-me que não». Era verdade. Santa Maria não estava à venda, «apesar de ter insistido muito com elas».

José Rosas guardou segredo de tudo o que se passara com o mesmo cuidado da criança que esconde o doce da gula do colega. Não podia correr riscos, morava ali tudo com que sonhara. Nas encostas da quinta de Santa Maria estava depositado o principal objecto de um desejo tão difícil de realizar que se transformou numa obsessão. Não desistiu, porque a renúncia seria «impossível». Esperou, com paciência. «Durante dois anos fui para lá namorá-la», do cima do monte, sentado sobre um pedaço de xisto ou passeando-se nos caminhos que cheiram a fiolho e a outras flores silvestres. Não podia abandonar o sonho.

Numa dessas cenas de namoro José Rosas teve um sobressalto. A paz dos campos de centeio estava a ser quebrada por um «catrapilo» — um buldozer, na gíria local — que lhe rasgava os xistos fragilizados pelo tempo e pelo sol abrasador do estio duriense. «Corri a saber o que se passava». José Sobral anunciava-lhe outra vez uma réstea de esperança. «As duas senhoras tinham falecido e os herdeiros, uma data de sobrinhos que vivia em Lisboa, preparavam-se para substituir o cereal pela vinha». Rosas contacta os herdeiros, insiste na compra, não olha a meios. Mas mais uma vez Santa Maria lhe foge das mãos.

«Dessa vez fiquei mesmo desiludido. Julgava que tinha perdido a última possibilidade de comprar aquela terra», lembra. Enganou-se. Logo depois o país muda de rumo, o 25 de Abril de 1974 constitui uma séria ameaça para os proprietários absentistas. Nos dias quentes do PREC, «telefonei candidamente a um dos sobrinhos herdeiros, um tal que era engenheiro, a perguntar se continuava sem interesse de vender a terra. Desta vez ele não me disse logo que não. Que ia perguntar aos outros herdeiros». Três meses depois, em Julho de 1974, estavam todos com “ar compungido a assinar a escritura de venda de uma quinta que por séculos pertenceu à família». José Rosas descobriu-os mais tarde «num café em grande galhofa». Talvez mais que eles, o administrador da Ramos Pinto tinha razões de sobra para celebrar.

A REVOLUÇÃO DE UM “MESTRE”

João Nicolau de Almeida descobriu o Douro e o vinho ainda jovem. A vocação levou-o a Dijon, primeiro, e a Bordéus, depois, para cursar enologia. Tinha 27 anos quando completou os estudos. Regressou a Portugal com a cabeça cheia de «ideias e de vontade» de consagrar o seu desejo impenitente da enofilia.

A videira, a uva e o vinho tornaram-se para ele o princípio, meio e fim de uma causa que lhe absorve a vida desde então. Uma causa em que pesam os pergaminhos legados pelo seu pai, o mestre Fernando Nicolau de Almeida, criador, entre outras preciosidades, do mundialmente famoso «Barca Velha».

Quando se decidiu procurar foi naturalmente ter com o mestre seu pai, desde sempre ligado à produção de vinho na prestigiada Casa Ferreira. Viu ali as suas portas abertas, mas antes de tomar uma decisão final quis saber o que tinha o seu tio José Rosas para lhe oferecer. «Encontrei-me com ele e disse-me: “Vens comigo para o Douro e aí falamos”», lembra João Nicolau de Almeida. Sem o saber, estava a cair numa cilada inteligente, montada por alguém que já tinha reflectido longamente sobre o valor do seu regresso.

Resultou. O tio levou-o à quinta há pouco adquirida. Aí, o jovem enólogo soube o desafio impressionante que lhe estava reservado: investigar e plantar nas suas encostas castas seleccionadas capazes de produzirem ao mais baixo custo os melhores mostos da região do Douro. «De vindimas sabemos nós», asseverou-lhe José Rosas, «agora deves trabalhar naquilo que ainda está para fazer e que é indispensável para o futuro de toda a região demarcada. Isso é que é um trabalho bonito». Nicolau de Almeida não tinha por onde escolher senão optar pelo desafio da revolução que o tio lhe propunha iniciar em Santa Maria, quinta que entretanto recebera um novo nome: Ervamoira, uma pequena flor silvestre da região que serviu de inspiração a um romance homónimo da escritora francesa Suzanne Chantal, onde se relata a saga de uma família duriense em várias fases de construção do vinho do Porto.

A sua relação com o Douro era nessa altura ainda ténue e curiosa, própria de um tempo em que a vinha e o vinho estavam separados pela distância entre os socalcos e os armazéns de Gaia. «Videiras era com o Douro, vinho com o Porto», estabelece. Três décadas antes, o tio, educado no Minho e no Porto, sentira-se primeiro «abafado» com o calor excessivo do vale antes de se «apaixonar por aquela força telúrica» feita de xisto, videiras e socalcos. Para João Nicolau de Almeida, «ir ao Douro era como ir numa expedição a África», aventura da qual «regressavam apenas alguns sobreviventes».

«Das primeiras vezes que fui lá para cima sentia-me asfiziado pelo calor. Ficava entorpecido», lembra Nicolau de Almeida. Nos carreiros pedregosos e desconfortáveis das vinhas, ele e o tio apalpavam os solos, examinavam castas, estudavam folhas, provavam uvas em fase de maturação, tomavam notas. «Não parávamos nunca, desde as cinco da madrugada até às duas da manhã». Por vezes, o tio, ainda inebriado pela conquista definitiva de Ervamoira, «até se esquecia de comer». Da ansiedade dos dois homens descendentes de uma velha linhagem vínica, emergia exclusivamente a vontade de levar até às últimas instâncias as potencialidades da natureza. «A natureza do Douro oferece-nos tudo para fazer

excelentes vinhos. Só que muitas vezes os homens não sabem aproveitar aquilo que lhes é oferecido de graça», diz José Rosas.

Nicolau de Almeida estava contagiado. Levou para a quinta do Bom Retiro, propriedade da família Ramos Pinto desde 1919, um laboratório de análises e avançou nas pesquisas contra a falta de electricidade sistemática ou, simplesmente, de compostos químicos banais que as farmácias do Pinhão não conseguiam prover. O tio tinha avançado previamente no projecto juntamente com outros estudiosos, e entre as 80 castas da região, havia seleccionado 10. Colheram-se uvas de todas em diferentes pontos da região; observaram-se como preservação a sua película, a sua reacção ao calor, a sua capacidade para a feitura do vinho. «Fizemos milhares de experiências e estudos». À espera das conclusões estavam os solos de Ervamoira.

O FIM DO SONHO

Passados 18 anos da primeira vindima, a quinta reflecte toda essa aventura de dois homens obstinados pela paixão dos vinhos e do Douro, «a mais fantástica região vinhateira do mundo», como orgulhosamente sublinha Nicolau de Almeida. Pela primeira vez na região, cinco castas seleccionadas estão plantadas separadamente para que assim se respeite a sua individualidade. «As uvas são como as pessoas», diz o enólogo: «A Tinta Roriz resiste bem ao calor, é como um homem; a Tinta Barroca é elegante, se apanha sol a mais esvazia: é a mulher...». Para Nicolau de Almeida cada uma deve ser plantada, tratada e colhida ao sabor dos seus caprichos. Nunca o Douro respeitou tanto o seu património vínico.

Os ensinamentos de Ervamoira alastraram aos quatro cantos mais velha região demarcada e regulamentada para a produção de vinhos em todo o mundo. Um amplo programa de recuperação de áreas abandonadas (PDRITM) seguiu-lhe as pisadas para a escolha de castas; o plantio de «vinha ao alto», estudado no Douro e em vistas ao estrangeiro por Nicolau de Almeida para substituir na paisagem os socalcos pré-filoxéricos e os terraços de adopção recente, são hoje comuns em toda a região. «Nunca quisemos esconder nada», dizem tio e sobrinho.

O resultado é ainda um dos melhores mostos de sempre — como o atesta a excelência do «Duas Quintas», que recebe igualmente mostos da Quinta dos Bons Ares, e o «Ervamoira 10 anos» —, produzido a custos três vezes inferiores à média do Douro; um projecto de experimentação constante — hoje realizam-se ali estudos com castas próprias para a produção de vinhos brancos —, que fez de Ervamoira um marco decisivo para a revolução que se anuncia na região. Os caminhos do futuro regional e do vinho do Porto vão ter de passar por ali.

Nicolau de Almeida viu o seu trabalho reconhecido internacionalmente

— é convidado frequente de universidades estrangeiras, entre as quais a prestigiada Universidade de Davis, nos Estados Unidos. Pedem-lhe para escrever em revistas de expansão internacional, para contar a sua experiência em entrevistas a publicações tão destacadas como a «Decanter». O seu tio, hoje com 75 anos, viu cumprida a sua profecia e o seu desejo. Ali, no isolamento de Ervamoira, foi escrita uma página da história das vinhas e dos vinhos do Douro. Até que no silêncio dos gabinetes alguém decidiu «cometer um crime contra a natureza». Mais de 900 hectares de terra, entre os quais Ervamoira, vão desaparecer. O «novo mundo», o lugar de futuro do vinho do Porto foi apenas uma realidade fugaz.

José Rosas, cansado e desiludido com a insensibilidade dos homens, refugiou o que resta do seu projecto numa pequena quinta que comprou perto de Foz Côa. O seu sobrinho, ainda hoje, quando as obras da barragem avançam a todo o vapor, acredita que a humana providência vai interromper o pesadelo. Mas para além da realidade ou da simples intuição, a água vai um dia subir encosta acima para afogar a casa da família de José Sobral, um sítio arqueológico recém descoberto e as vinhas sonhadas, construídas e protegidas com fervor pelos dois homens. Resta-lhes apenas dizer adeus a Ervamoira e esperar por uma indemnização. Mas que dinheiro pode pagar a perfeição de um sonho que um dia se tornou possível?